

SAIBAMOS CEDER LUGAR AOS NOVOS

DULCE DE MELLO MONTE-MOR

FOI quando cheguei de viagem. O mangue revolucionado. O trânsito desviado pela Benedito Hipólito e adjacências... E o boato insistente que me azucrinava os ouvidos: "Vão pôr abaixo as palmeiras do Mangue!" Impossível! Escrevo ao Prefeito implorando. Não responde.

Encontro, certa manhã, o Secretário de Viação e Obras da Prefeitura empenhado no desmonte do resto do "Castelo". Indago aflita sôbre a veracidade do boato.

"... Mas, D. Dulce, nós estamos *ainda* com a cabeça no lugar... E isso está afeto a meu serviço..."

Descanso. Respiro fundo. Mas o tempo continua a passar. Reviravolta na política!

E as palmeiras continuam de pé, é verdade, mas falhas, irregulares, mal cuidadas.

Não é de hoje que ouço a linguagem farfalhante das palmeiras: "Que também, como nós, as palmeiras têm alma!"

Daí poderão avaliar a intensidade de meu júbilo: — O Mangue, hoje todo revestido de novo! Pelo menos do lado que sofreu a reforma. (Sim, porque no outro, seria até falta de senso replantarem, no momento).

Mais de cem palmeirinhas começam a acenar aos transeuntes com seus adeuses verdes... a abanar seus leques num adejo incipiente...

A gente, até, acha menos longo o trajeto da Tijuca à cidade... e mais suportável o encurralamento do trânsito no mesmo local, depois das 18 horas, quando do regresso.

E fica-se menos descrente. Pensando que já há *alguém*, que esteja realizando *alguma* coisa...

Começarão as novas palmeiras a procurar, com certeza, elevar-se no espaço com a mesma elegância e sobriedade de suas velhas mestras de D. João VI.

"Ser palmeira e crescer!
E crescer, e subir
Para junto do céu, bem mais perto do azul!
Quer tivesse por berço
A montanha altaneira,
Quer tivesse a raiz mergulhada em paul!"

E note-se que as palmeiras velhas, as venerandas e rugosas palmeiras históricas, absolutamente não se ressentem com a medida. Continuam, galhardamente, a balouçar as copas, vigiando muito do alto, essa centena viva de "brotos" a seus pés, ocupando com segurança o velho lugar, até que a nova geração as possa substituir sem prejuízo para a paisagem carioca. Continuam a mirar-se em fila nas águas paradas, a contemplar a cidade do alto de suas palmas; continuam, mas só enquanto se sentem necessárias, seu "élan" para o infinito; a refletir-se em silhuetas móveis que começam grandes e vão-se sumindo a distância na superfície espelhada dos automóveis de luxo... e continuam...

"... afinal,
pelas asas do vento,
Pelos raios do Sol no mais vivo calor,
Espalhar pelo mundo
Altaneira e orgulhosa,
O *seu* sonho de luz, *seu* tesouro de amor!"

dando o mais belo exemplo aos homens de nosso tempo!

O CRUZEIRO

Diretor

ANTÔNIO ACCIOLY NETTO

RIO DE JANEIRO, 4-9-54 — ANO XXVI — NÚMERO 47

ARTIGOS

SAIBAMOS CEDER LUGAR AOS NOVOS — Dulce de Mello Monte-Mor ... 3
SANGUE GENEROSO DO BRASIL — Austregesilo de Athayde ... 16
A INDONÉSIA E A HOLANDA — Theophilo de Andrade ... 18 f
MISTÉRIOS DE PRONÚNCIA INGLÊSA — Gilberto Freyre ... 24
CINQÜENTENÁRIO — Vargas Netto ... 48
O DINHEIRO DOS "GANGSTERS" NA POLÍTICA — Drew Pearson ... 106
A HORA DRAMÁTICA — Rachel de Queiroz ... 122

REPORTAGENS

A MORTE DE VARGAS — Arlindo Silva e equipe de O CRUZEIRO ... 4
EXPOSIÇÃO DO IV CENTENÁRIO — Margarida Izar e Henri Ballot ... 18
O PARCEIRO ESQUECIDO DE NOEL ROSA — Herberto Sales e Mário de Moraes ... 28
INVASÃO DOS GAFANHOTOS — José Medeiros ... 36
BORBOLETAS — Franklin de Oliveira e Antônio Rudge ... 46
AS IRMÃS DIONE — Álvares da Silva ... 76
CONCEIÇÃO VOLTA AO CARTAZ — Jorge Ferreira e José Pinto ... 84
O ÚLTIMO CAUDILHO — Theophilo de Andrade ... 110
DERRADEIRAS HORAS DE VARGAS — Yedo Mendonça e equipe de O CRUZEIRO ... 112
OS VERMELHOS COMANDAM A DESORDEM — Ubiratan de Lemos e equipe de O CRUZEIRO ... 116
O PRESIDENTE-JORNALISTA — Theophilo de Andrade 120

FLAGRANTES

SALVE O CLUBE PAPAI NOEL — Chico Vizzoni ... 18 h
TAMBOR DE CRIOULO — Franklin de Oliveira e Pierre Verger ... 34
DE COLHER NÃO É SOPA... — Edgar Dutra ... 38
UM FLA-FLU DECIDIU O TORNEIO INÍCIO DE 1954 — Mário de Moraes, Erasmo e Walter Luiz ... 40
SÓ PARA MULHERES ... 42
JANGADAS DOS VERDES-MARES ... 52
PASCOAL NA TURQUIA ... 68
VIVER É COMER... — Renato Bittencourt ... 82
CUPIDO MARCA UM GOL — Mário de Moraes ... 86
REVELAÇÕES MUSICAIS — Gerard Dutra e Rubens Américo ... 88

SEÇÕES

O IMPOSSÍVEL ACONTECE — Arnaldo Vicente ... 20
HEURECA — Sílvio Alves ... 56
MÚSICA — J. Rêgo Costa ... 64
XADREZ — Walter Cruz ... 68
FILATELIA — Armando Paiva ... 69
FOTOTESTE — Tetê Signorelli ... 70
POLÍTICA ... 100
UM FATO EM FOCO ... 107
SETE DIAS — Franklin de Oliveira ... 108

HUMORISMO

O AMIGO DA ONÇA — Péricles ... 51
ÁLBUM DE INVENTOS — Carlos Estêvão ... 60
AS GAROTAS — Alceu Pena e A. Ladino ... 66
O PIF-PAF — Vão Gôgo e Péricles ... 94

LITERATURA E HISTÓRIA

ARQUIVOS IMPLACÁVEIS — João Condé ... 21
UMA ESQUADRA ESPANHOLA DEFENDE O BRASIL — Gustavo Barroso ... 45
NO MUNDO DOS LIVROS — Geraldo de Freitas ... 92

CINEMA E TEATRO

TEATRO — A. Accioly Netto e Clovis Garcia ... 27
CINELÂNDIA — Pedro Lima ... 99
CINE-REVISTA — Carlos Gaspar ... 104

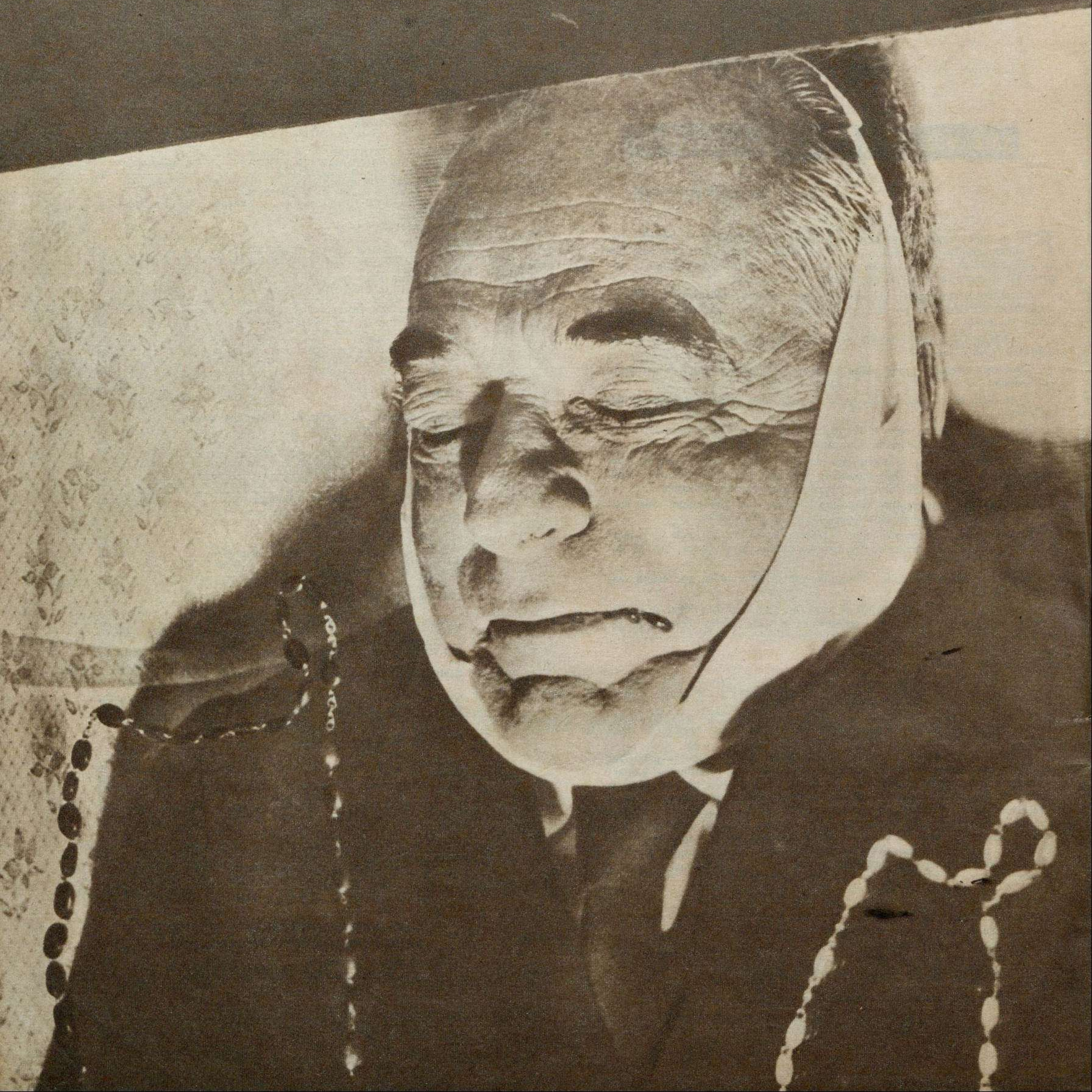
PARA A MULHER

CHAMAS QUE NÃO AQUECEM — Làsinha Luiz Carlos 22
"POIS" — Alceu Pena ... 54
LAR, DOCE LAR — Helena B. Sangirardi ... 62
MUNDANISMO — G. de A. ... 72
DA MULHER PARA A MULHER — Maria Teresa ... 75
ELEGÂNCIA E BELEZA — Elza Marzullo ... 91

TIRAGEM DO PRESENTE NÚMERO PELA QUAL NOS RESPONSABILIZAMOS

700.000 exemplares

VARGAS TRANSPÕE O LIMIAR DA ETERNIDADE. Na manhã de 24 de agôsto quando, com o licenciamento de Vargas da Presidência da República, pelo prazo de noventa dias, parecia superada a gravíssima crise político-militar que ameaçara a segurança e a paz públicas, eis que o País é sacudido e abalado com a notícia do suicídio do Presidente. Aproximadamente cêrca de quatro horas após a reunião ministerial que assentara a fórmula do licenciamento, o Presidente da República renuncia, não ao pôsto, mas à vida, com um certeiro tiro no coração. Esta é a primeira vez na história do Brasil em que um Chefe de Govêrno encerra assim, dramàticamente, a vida. Fim trágico de um estadista. Vê-se na foto que o Presidente, embora de fisionomia abatida, conserva a tranqüilidade que sempre o caracterizou. O rosário foi depositado sôbre seu corpo pelo Ministro Apolônio Sales, que é católico praticante. O Presidente Vargas não tinha crença, mas afirmou ao Cardeal Dom Jaime Câmara que pautava sua vida dentro dos princípios cristãos.



A MORTE DE VARGAS

COM UM TIRO NO CORAÇÃO, O PRESIDENTE ENCERROU SUA AGITADA VIDA DE HOMEM PÚBLICO

Texto de ARLINDO SILVA

Fotos de MÁRIO DE MORAES, INDALÉCIO WANDERLEY, ANTÔNIO RUDGE, KEFFEL FILHO, BADARÓ BRAGA, JORGE AUDI, JOÃO MARTINS e JOSÉ MEDEIROS

QUANDO cruzei os portões do Palácio do Catete, naquela manhã fria de 24 de agôsto, não poderia supor que ali iria assistir ao desenrolar do mais dramático episódio da nossa história política, e dêle participar até certo ponto. Era a primeira vez que eu entrava no Catete, e ao fazê-lo, tive a sensação de que estava descobrindo um mundo novo, e penetrando em território proibido. Eram cinco e meia da manhã. Terminara há poucos momentos a reunião de Ministros com o Presidente, na qual ficara assentada que o Sr. Getúlio Vargas deixaria o cargo por três meses, sendo substituído pelo Vice-Presidente, Sr. Café Filho. Todos os titulares já haviam partido, e a não ser os Srs. Lourival Fontes e General Caiado de Castro, não restava no Palácio nenhum outro auxiliar de categoria da Presidência. Reinava o mais absoluto silêncio nos jardins e no interior do Palácio. Silêncio e tristeza. Velhos servidores da casa deixavam transparecer no olhar a mágoa e o desapontamento pelo desfecho da crise político-militar que abalara o País. Falava-se que o Presidente estava dormindo e que acordaria pelo meio-dia, quando assinaria o pedido de licença. Até aquêle momento não se sabia exatamente como se daria a posse do Sr. Café Filho: se por transmissão direta, no Palácio, ou se perante o Congresso. Os soldados do Exército que haviam feito o policiamento interno do Palácio durante a madrugada, iam, aos poucos, ganhando a rua, de volta aos quartéis. Um contínuo dizia, junto a êste repórter que até aquela madrugada, e desde que começara a crise, todos os funcionários do Catete estavam munidos de armas automáticas. Aliás, ainda se podia ver, junto aos grossos troncos das figueiras dos jardins, ninhos de metralhadoras, e trincheiras feitas de sacos de areia. Pelas seis horas da manhã, D. Darcy Vargas apareceu numa das janelas dos fundos da residência, de óculos escuros, movendo a cabeça e chorando. Alguns familiares procuravam consolá-la. Que poderia fazer um repórter ali, naquele deserto de acontecimentos? Confesso que apenas o receio de que, mais tarde, a entrada de jornalistas fôsse dificultada, me fêz permanecer ali, conversando com funcionários, e ouvindo passarinhos nas árvores do quintal. Vi o Sr. Arísio Viana, diretor do DASP, chegar e subir para os aposentos residenciais, vi o Sr. Lourival Fontes sair, depois de encher o porta-malas do seu carro, de pacotes, livros, papéis. Permaneci assim, presenciando o movimento rotineiro de funcionários da casa, por mais de duas horas. Em dado momento, porém, o Sr. Arísio Viana chegou à portaria, correndo, atônito. Tomou o telefone e, extremamente nervoso, pediu à telefonista que ligasse para o Pronto Socorro.

— Chame com a maior urgência. É um caso de ferimento grave!

Não conseguindo linha imediata, o Sr. Arísio Viana, descontrolado, deu violento murro no balcão, dizendo:

— Como é que deixaram êste homem sòzinho, meu Deus?

Compreendi que se passara algo de extraordinário. O Sr. Arísio Viana continuou insistindo na ligação, sem entretanto consegui-la. Desesperado, deixou o fone no gancho e saiu, recomendando a um contínuo que, pelo telefone oficial, chamasse o Pronto Socorro. Mas o telefone oficial também não atendia. Tomei, então, a iniciativa de tentar uma linha pelo telefone da Light e fui feliz. Liguei para o Pronto Socorro da Praça da República e pedi uma ambulância para atender a um caso de "ferimento grave" — como o Sr. Arísio Viana havia mencionado. Havia imaginado a princípio que alguma pessoa da família presidencial tivesse sofrido um acidente grave. Mas ao pensar melhor nas palavras que o diretor do DASP exclamara — "como é que deixaram êste homem sòzinho"? — um relâmpago como que ilu-

A URNA FUNERÁRIA quando, pelas mãos dos Srs. Lutero Vargas, Manoel Vargas (filhos do Presidente) e de outras pessoas, dava entrada no salão do Gabinete Militar da Presidência da República, no Palácio do Catete. O ricto que se observa entre os que estão mais aproximados do caixão resulta do esfôrço empregado para colocá-lo sôbre a eça. Exposto desde as 17.30 h do dia 24 até às 8.30 h do dia 25, quando foi trasladado para São Borja. Junto ao esquife do Presidente desfilaram milhares e milhares de brasileiros que queriam ver Vargas pela última vez. Cenas as mais emocionantes foram, então, registradas. Houve 2.100 casos de desmaios.



CONTINUA NA PAGINA SEGUINTE



SRA. ALZIRA VARGAS do Amaral Peixoto, filha do Presidente, chora a morte do pai.



LUTERO VARGAS recebe, na câmara ardente, o comovido abraço de condolências. Cenas dramáticas se sucediam.



JANGO GOULART foi dos que mais sentiram a perda, em circunstâncias trágicas, de Vargas, seu chefe e amigo.



DENTRO DO ESQUIFE, o Presidente morto impressionava a quantos passavam. 2.100 desmaios.



CENAS PUNGENTES verificaram-se dentro do Palácio quando o povo em fila chorava a perda do Presidente.



GENTE HUMILDE, para quem Vargas era um ídolo, não podia conter lágrimas diante do caixão mortuário.



ENFERMEIROS estavam a postos socorrendo mulheres vítimas de desmaios e crises nervosas.



REPRESENTANTES de vários países compareceram ao velório do Presidente. Na foto vê-se a Emb. de Salvador.



CEM MIL PESSOAS, aproximadamente, desfilaram diante do ataúde. Um espetáculo nunca visto neste País.


A DEPUTADA IVETE VARGAS, sobrinha-neta de Vargas, é confortada pelo ex-Ministro Nero Moura.


O GOVERNADOR DE MINAS, Sr. Juscelino Kubitschek, transportou-se de avião para o seu último adeus a Vargas.


A IMPASSIBILIDADE do militar contrasta com a emoção sincera desta jovem vestida de luto.


ESSA PRETA VELHA fêz o sinal da cruz e depois ergueu as mãos encarquilhadas para o alto em emocionante prece.


O EX-MINISTRO Tancredo Neves desmaiou quando soube da notícia. Depois compareceu ao Catete.


O SR. LOURIVAL FONTES, Secretário da Presidência, chorou discretamente a perda do seu protetor e velho amigo.



OS SRS. DANTON COELHO (esquerda), Israel Pinheiro e Benedito Valadares (direita) foram barrados à porta do Catete, momentos após o suicídio.

minou meu cérebro: o Presidente Vargas cometera um gesto extremo de desespêro! A ambulância que eu chamara era para socorrê-lo! E não demorou que esta chegasse. Três minutos, no máximo. Entrou sirenando e encostou numa porta interna. Médico e enfermeiros tomaram apressadamente o elevador que conduz ao segundo andar, onde estava o Presidente. Poucos instantes demoraram-se lá. Desceram, com a fisionomia transtornada, dizendo:

— "Não há mais remédio. O Presidente está morto".

Imediatamente os funcionários do Palácio foram tomados de emoção indescritível e começaram a chorar. Atiravam-se uns nos braços dos outros e, soluçavam, prêsas da maior aflição. Ninguém podia acreditar na realidade trágica do que acabava de acontecer. Naqueles momentos de pungente dramaticidade, ainda pude dominar meu choque emocional e olhei o relógio. Calculei que seriam 8.43h quando o Dr. Arísio Viana chegou ao telefone para pedir a ambulância. Àquela hora deixara de existir o Sr. Getúlio Vargas, o maior poder político do Brasil.

* * *

Tudo aconteceu de modo fulminante. Às 8.15h o Presidente conferenciara com seu mano, Benjamin. Foi a última pessoa da família com quem Vargas falou. Poucos momentos mais tarde, isto é, às 8.25h o camareiro Barbosa entrou nos aposentos do Presidente para lhe fazer a barba. Ao vê-lo, como tôdas as manhãs àquela hora, Vargas, que estava de pijama e de pé, indagou:

— Que é que você quer, Barbosa?

— Estou aqui para servi-lo, Excelência.

— Não é preciso — respondeu o Presidente. — Saia que eu quero dormir mais um pouco.

— Como o senhor quiser. Mas acho que é melhor o senhor vestir o roupão, porque está fazendo frio.

— Isso não tem importância — replicou Vargas.

O camareiro saiu. Com seu instinto de homem bom e simples, conhecedor do temperamento e dos costumes do patrão, fechou a porta, pensativo. À saída, encontrou o Major Hélio Dornelles e mal começaram a trocar algumas palavras, ouviram um tiro. Abriram a porta ràpidamente e depararam com um quadro terrível: o Presidente deitado na cama, com uma grande mancha de sangue no lado do coração e, a seu lado, uma pequena arma. Chamaram-no, tocaram-no e êle não respondeu. Seguraram-no pelos braços e todos tentaram reanimá-lo. Em vão. Alucinados, procuraram chamar os demais membros da família. Acudiu o Sr. N. Sarmanho, que se encontrava na janela contígua à do Presidente, meditando sôbre os últimos acontecimentos. O Sr. Sarmanho, vendo que o Presidente agonizava, pediu a um oficial de gabinete que avisasse o General Caiado, da tragédia que se consumara. Logo a seguir o General chegava ao quarto do Presidente onde, não resistindo ao impacto emocional, sofreu séria crise nervosa, desfalecendo. Desceu, então, o Sr. Arísio Viana para telefonar para o Pronto Socorro. E quem, por um capricho do destino, pediu uma ambulância para o Presidente que acabava de se suicidar, foi êste repórter, que nunca havia antes transposto os portões do Catete.

* * *

Em meio aos gritos de angústia e às lágrimas dos funcionários do Palácio começou a circular que o Presidente deixara algo escrito, um pequeno bilhe-

CONTINUA NA PAGINA SEGUINTE



A MORTE DE VARGAS CONTINUAÇÃO

A EMOÇÃO DO POVO ANTE A TRAGÉDIA

NA TRÁGICA MANHÃ, tão logo a notícia do triste acontecimento se espalhou, coroas e flôres surgiram nos jardins do Palácio. Homenagem de um povo.

te como o fazem, geralmente, os suicidas. Depois constou que deixara uma carta, verificando-se, no final, que foram encontrados no seu quarto, sôbre um aparador, um bilhete e uma longa carta, espécie de mensagem. O bilhete, soube-se logo, continha os seguintes dizeres: "À sanha dos meus inimigos deixo o legado de minha morte. Levo o pesar de não ter podido fazer pelos humildes tudo quanto desejava". Vinte minutos depois começaram a chegar os Ministros, parlamentares, políticos e amigos da família do Presidente. O Marechal Mascarenhas de Morais foi dos primeiros a chegar, seguido dos irmãos Ciro e Dulcídio do Espírito Santo Cardoso. Em seguida, o Sr. Osvaldo Aranha. O Ministro da Fazenda estava transtornado, com os olhos rasos dágua. Foi comovidamente abraçado por velhos servidores do Palácio e disse:

— Êste homem morre assim... Êle não merecia isto.

Não pôde continuar, a voz embargada pela emoção. Poucos instantes mais tarde chegava o Sr. Lourival Fontes. Entrou em silêncio, transfigurado, acompanhado de alguns auxiliares. Naquele momento o Secretário da Presidência não poderia estar atento aos que o cercavam, de modo que resolvi acompanhá-lo aos aposentos do Presidente. Ao atingirmos a porta do quarto, vi um quadro que jamais se apagará de minha memória. Vargas, vestido de pijama listrado, com enorme mancha rubra no peito, estava amparado pelos seus familiares, entre os quais Dona Darcy, D. Alzira, Lutero e Benjamin, que procuravam retirar-lhe o pijama para vesti-lo. O ambiente era confrangedor. Sentado na cama, apoiado nos braços da espôsa e filhos o Presidente era como uma criança. Parecia estar sorrindo. Seu semblante irradiava felicidade. Nêle não se refletia mais o terrível drama de consciência que devia até há pouco estar corroendo a alma de Vargas. Confesso que não pude assistir por muito tempo àquela cena pungente. Não devia devassar, com minha indiscrição profissional, aquêles momentos de tão profundo sofrimento. Desci e permaneci no andar térreo, junto ao elevador principal. Ali presenciei o desfile interminável de cenas emocionantes. Amigos e parentes de Vargas, não se conformando com a notícia que as estações de rádio divulgavam, caíam em pranto. O Major Hélio Dornelles que, com o camareiro Barbosa, ouvira o tiro, comentava numa roda que alguém telefonara ao Presidente avisando que os Generais estavam reunidos naquela manhã e que deliberaram não mais permitir o seu retôrno ao poder, após a licença de três meses. Outras pessoas, em rasgos de indignação exclamavam patèticamente: "Maus brasileiros! Até que ponto levaram o nosso Presidente!" Outros, entre lágrimas, balbuciavam: "Não faz mal. Agora é que êle vai viver. Agora é que vamos ver o que será do Brasil sem Getúlio". Começava-se a falar na chegada, ao Palácio, do General Zenóbio da Costa. O General Caiado de Castro, para evitar um incidente desagradável, mandou um seu oficial de gabinete avisar o Ministro da Guerra de que a família do Presidente proibira sua entrada no Catete. O Palácio, a essa altura, (uma hora após a morte de Vargas) começava a fervilhar de gente. Os Srs. Lourival Fontes e Genolino Amado mandaram expedir nota oficial, comunicando ao povo o lutuoso acontecimento. Pouco depois foi dado a conhecer o texto da carta encontrada no quarto do Presidente e que é a seguinte:

"Mais uma vez, as fôrças que os interêsses contra o povo coordenaram, novamente se desencadeiam sôbre mim. Não me acusam, me insultam; não me combatem, caluniam-me; não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi o povo e principalmente os humildes. Sigo o destino que me é impôsto. Depois de decênios de domínio e espoliação dos grupos econômico-financeiros internacionais, fiz-me chefe de uma Revolução e venci. Iniciei o trabalho de libertação e instaurei um regime de liberdade social. Tive que renunciar. Voltei ao Govêrno nos braços do povo. A campanha subterrânea dos grupos internacionais aliнhou-se à dos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalhador. A Lei de Lucros Extraordinários foi detida no Congresso. Contra a justiça da revisão do salário-mínimo se me desencadearam os ódios. Quis criar a liberdade nacional da potencialização de nossas riquezas através da Petrobrás e, mal começa essa a funcionar a onda de agitação se avoluma. A Eletrobrás foi obstaculada até o desespêro. Não querem que o trabalhador seja livre. Não querem que o povo seja independente. Assumi o Govêrno dentro da espiral inflacionária, que destruia os valores do trabalho. Os lucros das emprêsas estrangeiras alcançavam até 500% ao ano. Nas declarações de valores do que importávamos existiam fraudes constatadas de mais de 100 milhões de dólares por ano. Veio a crise do café, valorizou-se o nosso principal produto. Tentamos defender seu preço e a resposta foi uma violenta pressão sôbre a nossa economia a ponto de sermos obrigados a ceder.

Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma agressão constante, incessante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo, renunciando a mim mesmo para defender o povo que agora se queda desamparado. Nada mais posso dar a não ser o meu sangue. Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida. Escolho êste meio de estar sempre convosco. Quando vos humilharem, sentireis minha alma sofrendo ao vosso lado. Quando a fome bater à vossa porta, sentireis em vosso peito a energia para a luta, por vós e por vossos filhos. Quando vos vilipendiarem, sentireis no meu pensamento a fôrça para a reação. Meu sacrifício vos manterá unidos e meu sangue será a vossa bandeira de luta. Cada gôta do meu sangue será uma chama imortal à vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência. Ao ódio respondo com o meu perdão. Aos que pensam que me derrotaram respondo com a minha vitória. Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas êsse povo de quem fui escravo, não será mais escravo de ninguém. Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue será o preço de seu resgate. Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia, não abateram o meu ânimo. Vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da Eternidade e saio da vida para entrar na História. (a.) — *Getúlio Vargas*".

A carta foi possìvelmente dactilografada por um funcionário do Palácio, a mando do Presidente. Quem a teria batido? Quem seria sabedor do plano trágico do Presidente, anunciado claramente na missiva? Parecia impossível que alguém, conhecendo prèviamente o documento, não o tivesse revelado. Isso levou muitos amigos de Vargas a suporem que a carta não fôra redigida por êle. Êsses rumores desapareceram, porém, quando o Sr. Jango Goulart exibiu a cópia que lhe fôra entregue pelo próprio Presidente na madrugada da reunião dos Ministros. Dissera, então, Vargas a Jango:

— "Aqui está um documento importante, uma mensagem para ser entregue a um amigo. Leia-o antes de você dormir".

Realmente a carta seria, ao que tudo indica, uma mensagem do Presidente ao povo, no caso de vir êle a morrer lutando pela preservação de suas prerrogativas constitucionais. Não teria, assim, o caráter de mensagem de um suicida, versão dada logo que ela se tornou conhecida. Jango, ao chegar em casa naquela manhã, cansado e sonolento, não leu a carta. Só a abriu quando soube da notícia do suicídio do seu chefe político e protetor. Se a tivesse lido antes teria, talvez, evitado o gesto extremo do Presidente.

* * *

O exame pericial do corpo de Vargas foi feito pelos peritos da Polícia, Carlos Eboli e Villanova, que constataram uma larga zona de esfumaçamento ao redor do orifício da bala no pijama do Presidente, bem como resíduos de nitrito nas suas mãos, caracterizando do disparo próximo — típico de suicídio. Os mé-

O POVO se estendeu por filas quilométricas para ver o corpo de Vargas. Os desmaios se sucediam.



A EMOÇÃO de tôda a gente era algo comovedor. Os nervos de muitos não resistiam. Cenas de desespêro eram comuns.



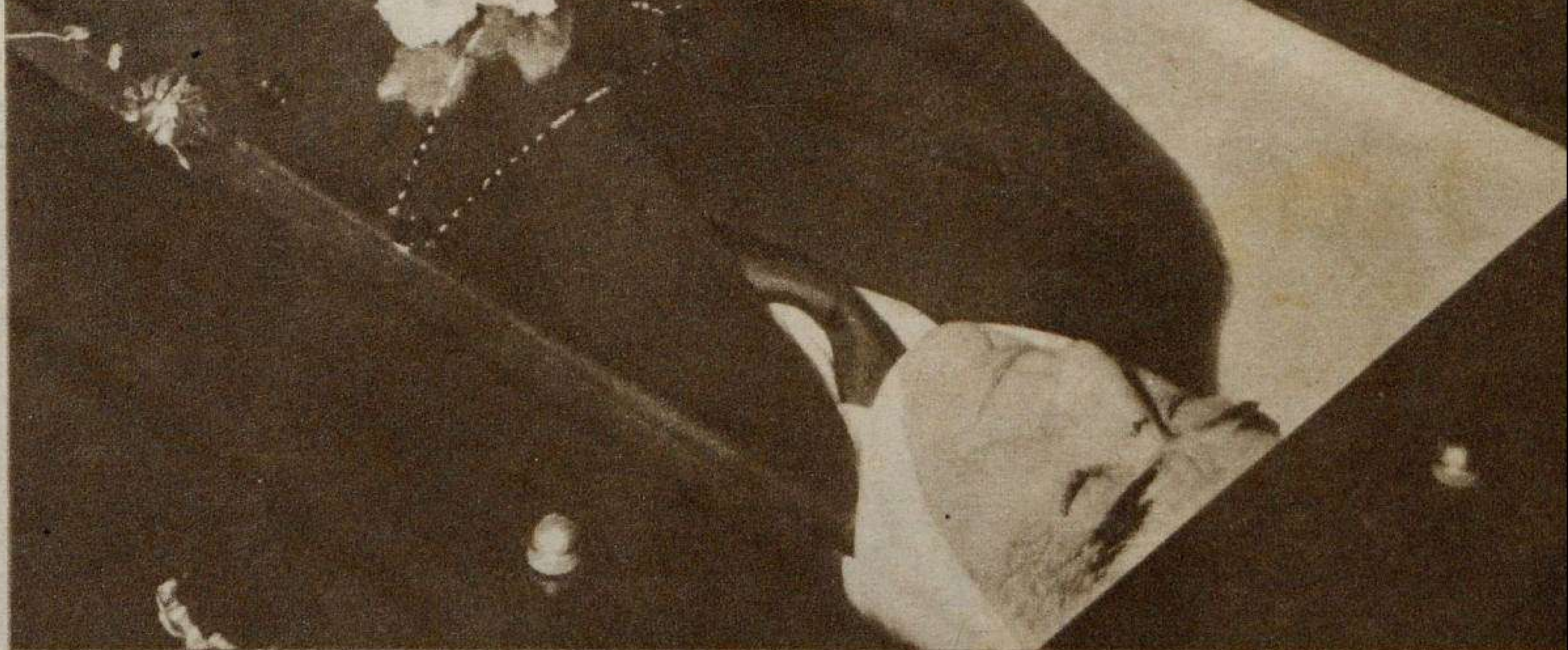
LÁGRIMAS, gritos de dor, orações e lamentos, na sala do Gabinete Militar da Presidência, no Catete.





SEIS EQUIPES completas de médicos e enfermeiros trabalharam sem descanso durante todo o velório.





PERTO DE UM MILHÃO de brasileiros tentou desfilar diante do esquife. Cêrca de cem mil o conseguiram. Mais de duas mil pessoas desmaiaram ante o impacto emocional, ao verem pela última vez o Pres. Vargas.

CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE



O CORPO de Getúlio Vargas deixa para sempre o Palácio do Catete. Lá êle morou dezenove anos.

O POVO CARIOCA SAIU ÀS RUAS PARA DAR O ÚLTIMO

dicos-legistas Jessé Paiva e Nilton Sales, do Instituto Médico-Legal, também realizaram exame do cadáver, chegando à mesma conclusão. Êstes legistas executaram o trabalho de formolização do cadáver, através de injeções endovenosas, tendo, também, extraído a bala, que se alojara na porção posterior direita do tórax, à flor da pele. Por sua vez, o diretor da Escola de Belas-Artes modelou, em gêsso, a máscara do Presidente. Essas providências consumiram muitas horas. Enquanto peritos e médicos permaneciam no quarto presidencial, funcionários do Catete retiravam da sala do General Caiado de Castro todos os móveis, para que fôsse armada, ali, a câmara ardente. Já então enormes filas de gente, com quilômetros de extensão, se estendiam pelas ruas vizinhas ao Catete e Praia do Flamengo. Contingentes da Polícia do Exército e da Aeronáutica ocuparam as adjacências do Palácio para manter a ordem e conter o povo, tomado do desejo de ver pela última vez o Presidente. Nas filas se sucediam os ataques nervosos, os desmaios, as crises de chôro, tanto em homens como em mulheres. Casos idênticos se verificavam em vários pontos da cidade, e nos Estados. Em São Paulo um espanhol, após dar um viva a Getúlio suicidou-se com um tiro no coração, repetindo o ato de Vargas.

Sòmente depois das 17 horas o esquife, com tampa de vidro, deu entrada na câmara ardente. Centenas de pessoas já se comprimiam no recinto, e foram como que tomadas de um delírio. Queriam ver o rosto do Presidente, tocar seu esquife. Os fotógrafos subiram em escadas para melhor cumprir seu dever. O tumulto se estabeleceu. Mulheres e homens gritavam e choravam, murmurando palavras de dor e consternação. Súbito irrompeu o Hino Nacional, entoado por centenas de pessoas, entre as quais se achavam parlamentares, políticos, Embaixadores, gen-



ADEUS À MAIS DESTACADA FIGURA BRASILEIRA DOS ÚLTIMOS TRINTA ANOS

te do povo, moradores das favelas, criaturas humildes e simples que viam em Vargas um Messias, um Redentor. Dessa hora em diante começaram a desfilar os populares ante o caixão mortuário. Calcula-se que 100 mil pessoas prestaram ao Presidente a derradeira homenagem. Cenas patéticas ocorreram junto ao ataúde. As vertigens, os desfalecimentos sucediam-se com tal freqüência que foram conduzidas ao Palácio seis ambulâncias do Pronto Socorro. Os médicos e enfermeiros não tiveram um minuto de descanso. Nada menos de 2.100 casos de desmaios ocorreram nas 16 horas em que o corpo estêve exposto à visitação pública. Verificou-se, até mesmo, um caso de morte, por síncope cardíaca, de uma pobre mulher do povo. Muitos beijavam o caixão, depositavam sôbre êle pequenos papéis contendo pedidos, imploravam a bênção protetora do morto, erguiam preces de mãos postas, debruçavam-se sôbre o esquife, em lágrimas. As flôres colocadas sôbre o ataúde aos poucos iam desaparecendo. Eram arrebatadas pelos devotados admiradores do Presidente, que já pareciam ver nêle a figura de um santo. Sôbre os canteiros dos jardins palacianos, ao anoitecer, empilhavam-se centenas de coroas, enviadas tanto pelas Embaixadas como por Deputados, Senadores e Sindicatos operários. Não poucos foram os populares que, diante do esquife, ensaiaram pequenos discursos em louvor ao grande estadista. Dentro do caixão de vidro a figura do Presidente, inteiramente vestido de prêto, parecia seduzir e magnetizar os que o viam pela última vez. O seu semblante de felicidade parecia traduzir aquela verdade, dita pelo Senador Assis Chateaubriand: "era um mestre na arte de perdoar". Sôbre as mãos do morto, cruzadas no peito, via-se um têrço, ali colocado pelo Ministro Apolônio Sales. De madrugada anunciou-se que o "tenente" Gregório Fortunato manifestara ao Coronel João Adil de Oliveira, presidente do inquérito sôbre o crime da Rua Toneleros, o desejo de despedir-se de Vargas. Tal vontade não pôde, porém, ser satisfeita. Os malefícios e os desgostos causados ao Presidente pelo ex-"anjo negro" não o credenciavam. A própria família Vargas recusou-se a consentir na presença do prevaricador de ébano na câmara mortuária, pois considerava Gregório um dos homens que levaram Vargas ao gesto extremo. Várias vêzes o Deputado Lutero Vargas, bem como o Sr. Benjamin Vargas e Dona Alzira, postaram-se diante do caixão mortuário, chorando. A Deputada Ivete Vargas, sobrinha-neta do Presidente derramou, também, sentidas lágrimas, sendo amparada pelo ex-Ministro Nero Moura. Durante a noite, e pela madrugada adentro, o desfile humano diante do esquife não sofreu interrupção. Era uma procissão de lágrimas e dor. Quem chorava era o povo.



O AVANÇO DE UMA ONDA HUMANA

Centenas de soldados das três armas foram mobilizados para conter o avanço da vasta multidão, que por pouco não invadiu o Aeroporto Santos Dumont.



HOMENAGEM da mulher brasileira: flôres sôbre o percurso do cortejo fúnebre. Embaixo: já no aeroporto, o esquife é conduzido para o avião que o levaria para S. Borja, o berço de Vargas.



CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE



O CARDEAL Dom Jayme de Barros Câmara, acompanhado do Bispo-Auxiliar Dom Helder Câmara, compareceu ao Calabouço para assistir ao embarque do esquife presidencial. Homenagem da Igreja ao Presidente.

Às 9 horas do dia 25 o esquife foi pôsto numa carreta para ser conduzido ao avião que o transportaria a S. Borja. O Presidente deixava, pela última vez, o Palácio do Catete. Estava cumprindo a promessa feita dias antes, quando pressionado pelas contingências político-militares, declarara: "Só morto sairei do Palácio". A carreta, vagarosamente, perdida num imenso mar humano, foi-se afastando do Palácio, rumo à Praia do Flamengo. Não há palavras para descrever a emotividade do povo à passagem do cortejo fúnebre. Mulheres e homens, moços e moças, tombavam ao solo sob fortes choques emocionais. Cantava-se o Hino Nacional e davam-se vivas a Getúlio. Sôbre o asfalto da Avenida Beira-Mar, populares atiravam flôres para forrar o caminho que o Presidente iria percorrer pela última vez. Quando a carreta passava, o povo gritava e acenava com lenços brancos. Era o adeus ao homem que se tornara o ídolo dos humildes. A família Vargas recusou a oferta de um avião da FAB para o transporte do corpo, e coube assim à emprêsa "Cruzeiro do Sul" participar dêsse acontecimento histórico. Nas proximidades do Aeroporto Santos Dumont, um verdadeiro mar humano, que tomava tôda a grande praça fronteira, aguardava a passagem do féretro. Os pelotões da Polícia do Exército, da Aeronáutica e da Marinha eram impotentes para conter o ímpeto da massa humana que queria beijar, tocar, segurar o esquife do Presidente. Sobrevieram as correrias, as quedas, os feridos. Mulheres se arremssavam em direção do ataúde, suspenso nas mãos de populares, como se êle irradiasse poderes sobrenaturais. A muito custo a Polícia conseguiu isolar um pequeno grupo de pessoas para conduzir o caixão até o avião da "Cruzeiro do Sul" que o deveria levar para São Borja. Os parentes e amigos do Presidente aguardavam o cortejo junto ao aparelho. Apesar do esfôrço dos soldados, a pista foi invadida por parte da multidão, que insistia em reter em seu poder o esquife de Vargas.

* * *

Precisamente às 9,50h o avião começou a deslizar na pista. Fora do campo, a massa humana agitava mais intensamente os lenços brancos. O avião decolou, ganhou altura, passou por sôbre o cruzador "Barroso" e em pouco era um pontinho minúsculo desaparecendo no céu. Vargas regressava aos pampas.



NO AEROPORTO SANTOS DUMONT ABRAÇAM-SE, AOS PRANTOS, O MINISTRO OSVALDO ARANHA E O DEPUTADO FEDERAL PELO RIO GRANDE, SR. RUY RAMOS, CHEGADO AO RIO NO DIA DO SUICÍDIO. A FORTALEZA DE ÂNIMO DO MIN. DA FAZENDA NÃO RESISTIU.



A SENHORA DARCY VARGAS quando, sob fortíss ma emoção, e em companhia de pessoas de suas relações de amizade, com ela solidárias no transe doloroso, chegava ao Aeroporto Santos Dumont. A Primeira Dama do Brasil, que acompanhou, no mesmo avião, ao Rio Grande do Sul, os restos mortais de Getúlio, foi duplamente atingida pela tragédia: ao ouvir, em São Borja, pelo rádio, a notícia do suicídio de Vargas, a Sra. Ada Mota, irmã de D. Darcy, caiu fulminada por ataque cardíaco.

CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE



OS LENÇOS BRANCOS, outrora símbolos do Brigadeiro Eduardo Gomes, acenaram o último adeus do povo ao Presidente morto. Melancólico paradoxo.





A SRA. ALZIRA VARGAS DO AMARAL PEIXOTO SÓ CONSEGUIU ALCANÇAR O AVIÃO DA "CRUZEIRO DO SUL" QUANDO A ESCADA JÁ HAVIA SIDO RETIRADA. POPULARES ALÇARAM-NA, ENTÃO, ATÉ A PORTA DO APARELHO, ONDE FOI RECEBIDA PELO SR. J. GOULART.

LEIA NAS PÁGINAS FINAIS DESTA REVISTA NOVAS REPORTAGENS SÔBRE A VIDA E MORTE DE GETÚLIO VARGAS.



PELA ÚLTIMA VEZ EM PÚBLICO

Já em plena efervescência da crise político-militar que haveria de ter um desfecho tão dramático, o Presidente Vargas viajou para Minas, onde passou dois dias. Fôra inaugurar as indústrias Mannesmann. Na oportunidade falou ao País, num discurso cujo teor não era o dum Chefe de Estado que pressentisse aproximar-se o fim de seu Govêrno, e muito menos o de sua vida.

O ÚLTIMO CAUDILHO

THEOPHILO DE ANDRADE

QUANDO Lourival Fontes, como encarregado da propaganda do Estado Novo, tentou construir em tôrno da figura de Getúlio Vargas o mito de uma personalidade heróica, de bronze, sôbre um pedestal, a viver exclusivamente para o Govêrno, dentro do molde fascista então em moda no mundo, encarregou um biógrafo profissional estrangeiro, Paul Frischauer, de escrever-lhe a história. Mas, na última página do alentado volume, conta o escritor que, indagando do Presidente quais os seus desejos pessoais, respondeu êle: "Eu só me sinto realmente bem no campo, em São Borja".

E por esta forma, ruiu tôda a fantasia, pois o estadista, estranho, provàvelmente, àquela trama, situou-se, humanamente, em sua posição de mortal, indicando, talvez sem o querer, o fio da meada, para o desvendamento de sua complexa personalidade. Porque, para compreender Getúlio Vargas, é mister buscar as suas origens, perquirir a sua formação e estudar o meio de onde saiu e para o qual, feito pó, na fôrça bíblica da expressão, retornou depois que, em gesto trágico, destruiu a própria vida.

O suicídio do Presidente, por mais surpreendente que pareça, e por mais chocante que haja sido o seu gesto para a nação inteira, tanto para os que o amavam como para os que o combatiam (pois eram muito poucos os que o odiavam) encerrou a sua longa e movimentada carreira, em uma atmosfera de tragédia grega que a muitos poderá parecer imprópria para o seu humanismo, mas que está dentro da linha do seu destino dramático. O destino muitas vêzes fere aquêles que, antes, havia entregue aos favores da fortuna. E Getúlio Vargas, como homem de destino e como homem de estrêla, o sentia perfeitamente. E por isso, a idéia da morte o acompanhou, dia a dia, desde quando a sua carreira política o arrancou da obscuridade para as alturas do poder. Foi assim quando se atirou aos azares da revolução de 1930, ao declarar, no manifesto de 4 outubro: "Não poderei deixar de acompanhar (o povo), correndo todos os riscos em que a vida será o menor dos bens que lhe posso oferecer". E foi assim, no crepúsculo dos últimos dias, quando redigiu, com antecipação, premeditadamente, a carta em que, já temeroso de enfrentar o futuro, atirou a sua sombra no painel da história: "Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte."

Os estoicos eram de opinião que a vida sòmente em determinadas circunstâncias merece ser vivida. Quando aquelas circunstâncias desaparecem, pode e deve ser autodestruída. Getúlio Vargas suicidou-se. Mas desertando de entre os vivos, deixou um instrumento explosivo, de ação contínua, capaz de impressionar multidões e que há de mantê-lo presente à "melée" política do Brasil, por muito tempo. Aquela carta é um legado que, como o testamento de César, há de ser, muito brevemente, explorado por algum Marco Antônio contra os que derrotaram o Presidente na sua última batalha pela conservação do poder. Getúlio Vargas continua a ser, destarte, uma figura viva nas lutas que o nosso país vai ter de enfrentar, até reencontrar o seu equilíbrio.

Êste é que é o problema grave. A luta recente entre Getúlio Vargas e os seus adversários ficou, durante muito tempo, em um negacear em tôrno de fórmulas, porque nenhuma das partes queria que à normalidade constitucional, ou seja, a **ordem,** fôsse alterada. Mas a ordem não con-consiste puramente na manutenção do Govêrno que pode deixar de ser acatado, desde que sôbre êle pairem suspeitas quanto à execução da lei. Já Ortega y Gasset ensinava: "A ordem não é uma pressão que se exerce, de fora, sôbre a sociedade, mas um equilíbrio que se suscita em seu interior". Êste equilíbrio estava, positivamente, quebrado.

Em tôda a nossa longa vida de jornalista, quase tão longa quanto a da vida pública do Presidente, nunca lhe apreciamos a personalidade, embora tivéssemos de estudar e criticar, a miúde, atos do seu Govêrno, notadamente em matéria econômica. Intimamente, fizemos e refizemos o nosso juízo, muitas vêzes, dadas as manifestações surpreendentes, nos diversos momentos em que Getúlio Vargas se revelou à nação e decidiu sôbre os seus destinos. Nunca houve, em tôda a nossa história, governante mais contraditório, homem de maior número de facetas, tamanha capacidade de renovação. Foi um verdadeiro Proteu, cujas máscaras se transmudavam, de momento a momento, de acôrdo com as necessidades da conquista e da conservação do Poder, sem que tivesse aparecido alguém que o houvesse pegado em sua verdadeira configuração, para exigir dêle, como do herói da fábula, uma resposta sôbre o passado, o presente ou o futuro. Nem na sua carta-testamento se desvendou, pois ela fixa apenas a sua última tendência jacobina, já revelada em manifestações anteriores e que, na verdade, é apenas uma investida, **post-mortem,** contra os seus adversários.

André Carrazzoni, inteligência ativa, que escreveu o único livro digno dêsse nome sôbre Getúlio Vargas, construiu, com muita habilidade, uma teoria política verossímil, pois nos mostra que, em tôda a sua conduta política, há uma linha filosófica uniforme, que liga o democrata ao autocrata, dentro da fórmula presidencialista fixada por Julio de Castilhos, na Carta de 14 de julho, já hoje revogada, e à cuja égide, aliás, aquêle varão de Plutarco, que é Borges de Medeiros, administrou, honestamente, o Rio Grande, durante trinta anos. Esta a filosofia. O método foi definido em uma frase singela: "Sua política: entre dois pontos, a menor distância é a cautelosa supressão de todos os obstáculos".

Pode ser que haja muito de verdade neste binômio, se bem que, pensando **in historicis,** sejamos obrigados a concluir que a **supressão dos obstáculos** foi levada muito longe, chegando mesmo a perder de vista o esquema daquela carta, que Getúlio Vargas definiu, a 20 de outubro de 1925, quando, na Câmara, fixou a posição do Rio Grande em face do projeto de reforma constitucional, patrocinado pelo Sr. Artur Bernardes: "Melhor compreendendo a natureza do regime presidencial, instituiu (o Rio Grande) um poder executivo forte, facultando-lhe, sem receio, consagrar e manter as mais amplas franquias liberais, alargando-se não na letra, mas pelo menos na sua exata interpretação, as que foram prometidas pela constituição da República". Em defendendo tais princípios, Getúlio Vargas, efetivamente, se mantinha fiel às suas primeiras manifestações políticas juvenis, "Bloco Castilhista", ou quando doutrinava em "O Debate", jornal republicano de Pôrto Alegre. E os seus admiradores mais generosos não tiveram dúvidas em encontrar aquela mesma filosofia até na própria Carta de 10 novembro de 1937, que Francisco Campos o fêz outorgar ao País, em um golpe de estado que nos alinhou entre as potências fascistas do Mundo.

Isso pode definir a linha política, mas não basta para explicar o êxito do político. Em um país como o nosso, em que as idéias valem pouco e os homens valem tudo, sòmente um acervo de qualidades e circunstâncias favoráveis seriam capazes de projetar um estadista, tornando-o o homem mais influente que a república já teve. Para fixar tais qualidades, teremos de nos transportar à fronteira, palmilhar as ruas de São Francisco de Borja, a antiga capital das Missões Jesuíticas, no Rio Grande, demorar-nos sob as naves de sua grande igreja, mirar as águas do Rio Uruguai e perlustrar os campos verdes da estância de "Santos Reis". E' ali que vamos encontrar as origens do seu caudilhismo, da sua capacidade de aglutinação, do seu poder de comando.

O caudilhismo não é um fenômeno brasileiro. Pertence mais à pampa e ao "llano". Quando, no império, Zacarias de Góis lançou aquela palavra fatídica, no parlamento, ao combater o Govêrno de Caxias, foi como se um raio houvesse caído de um céu azul. Com a república, porém, as circunstâncias modificaram-se. A revolução de 1893 reeditou um tipo de luta que havia sido para ali transplantado, esporàdicamente, na era de Piratiny. E surgiram, outra vez, os caudilhos, notadamente o caudilho dos caudilhos, que haveria de dominar o cenário da política nacional, durante mais de uma década, e que se chamou Pinheiro Machado. Era um homem de fronteira, e amigo do General Manuel Vargas, herói da Guerra do Paraguai e chefe político de São Borja. Vendo um dia o interêsse com que o pequeno Getúlio acompanhava as discussões políticas, observou: "Êste menino irá muito longe. Quem sabe se não está aqui um dos futuros chefes da República que ora nos preocupa?"

Pinheiro foi profeta. Ali estava, efetivamente, o seu herdeiro na política nacional. Haveria de ser, porém, homem de outro tipo. Não obrigaria, como êle o fêz, inimigos a lhe cevarem mate. Ao contrário, haveria de enleá-los, pela sedução pessoal, dentro de uma fórmula que êle mesmo deu a Emil Ludwig, e que se tornou célebre: nunca teve inimigo tão inimigo que não pudesse tornar-se seu amigo. E' que não se limitaria a receber os influxos dos pampas: haveria de burilar as suas tendências telúricas, em contato com as montanhas de Minas, onde passaria, a estudar, alguns daqueles anos em que o homem cede à pressão do meio ambiente. E' o que deparamos, em 1918, quando, tendo ingressado na política e sendo líder da maioria republicana na Assembléia do Estado, discursou, em regozijo pelo término da Primeira Guerra Mundial, concluindo com esta profissão de fé: "Tôda violência é inútil. Só há uma fôrça permanente capaz de construir: é o amor".

Aí estão o meio e o homem. Falta, porém, ainda um terceiro elemento para a explicação da sua fortuna política: o tempo. Getúlio Vargas poderia ter todo o seu prodigioso magnetismo pessoal e a influência telúrica que fêz dêle um caudilho. Mas não teria ultrapassado o nível geral dos políticos de escol na Federação, se não houvesse surgido na hora em que a República de 1889 entrara em crise e necessitava uma transformação. Se aquêle homem que pregava contra a violência se pôs à frente de um movimento armado, em 1930, não foi que tivesse criado o ambiente para a rebelião, mas porque êste já existia, no País, desde 1922. Não foi Getúlio Vargas quem provocou a revolução. Foi a revolução que foi ao encontro dêle.

Neste fato devemos buscar as causas dos erros que cometeu. Homem de carreira rápida, tão rápida que nunca terminou nenhum dos seus mandatos — inclusive o último —, não estava umbilicalmente ligado aos políticos que vieram na onda da revolução de 1930. Conservador por natureza, dada a sua formação castilhista, não era também um expoente dos "tenentes" que o foram buscar para chefiar a rebelião. Premido entre os dois grupos, atirou um contra o outro, valendo-se, magistralmente, das fraquezas humanas. Firmou-se. Mas foi vítima da deformação do Poder, quando exercido longamente e sem contrôle. Explorando as circunstâncias, êle que viera à suprema curul da nação como o expoente da Aliança Liberal, tornou-se ditador. Para tanto, serviu-se, a 10 de novembro de 1937, das fôrças armadas, como, aliás, já havia feito em 1930, fato êste que justificou no banquete que lhe foi oferecido, a 2 de janeiro de 1931: "Foi assim na Independência, em 7 de abril, em 13 de maio, em 15 de novembro, e não podia deixar de ser assim, agora, quando o Brasil entrou na posse de si mesmo por um movimento de opinião, sem rival em nossa história, em que a vontade da nação imperou, soberana, impondo novos rumos à vida política e administrativa da República".

Êstes fatos são, em verdade, a própria síntese da nossa história. Foram, porém, olvidados com o tempo, pelo Presidente. Foi isso o que provocou a sua deposição, a 29 de outubro de 1945, e o que justificou a oposição que lhe foi feita, depois de janeiro de 1951, quando foi reconduzido ao Poder.

A crise chegou quando a nação, e êle mesmo, foram surpreendidos com a atuação criminosa de uma guarda pessoal que envergonharia uma cubata africana. Atraiçoado pelos que o serviam e dos quais se desligou, mandando entregar às autoridades inquisidoras um arquivo que, se quisesse, poderia ter mandado destruir — sentiu-se ferido em sua honra. E, para lavá-la, recorreu ao recurso extremo, aconselhado pelos estóicos: o suicídio.

E foi assim que, pelas próprias mãos, terminou uma vida extraordinária, que encheu três décadas de existência da República.

DERRADEIR



← **ZENÓBIO JAMAIS** se afastou da Constituição. Não retrocedeu.

↑ **O CATETE ILUMINADO:** decide-se a sorte de Getúlio. Era a sua última noite de Presidente.

AS HORAS DE VARGAS



GUILLOBEL: ficou com os seus camaradas de farda.



EPAMINONDAS — Ministro do Ar por alguns dias.

A dramática reunião do Ministério em que se decidiu a renúncia do Presidente – 'Resistirei até o fim" – A carta: a despedida de um homem disposto a lutar.

Texto de YÊDO MENDONÇA

Fotos de FLÁVIO DAMM, INDALÉCIO WANDERLEY e MÁRIO DE MORAES

DOIS motivos, principais, levaram o Presidente Getúlio Vargas ao suicídio: a decepção por lhe haver faltado a fôrça do Exército, quando êle pensava em resistir aos que o queriam apear do poder, e os escândalos que o crime da Rua Toneleros fêz vir à tona.

Ouço estas palavras de um até então alto membro do Govêrno que acabara de viver os seus últimos momentos:

— "Nunca pensei que aí por baixo passasse êste mar de lama"...

Foram palavras do Sr. Getúlio Vargas, ainda chefe da Nação, a um dos seus mais íntimos auxiliares, três dias antes de suicidar-se. Referia-se êle, sem dúvida, à sua Guarda Pessoal.

* * *

A carta deixada pelo Presidente é autêntica. Não é uma carta de um homem que pensa em matar-se. E' a despedida de um Chefe de Estado que pretende cumprir o que vinha afirmando a todos: "Não renunciarei. Estou disposto a resistir até o fim. Daqui só sairei morto".

A carta foi escrita alguns dias antes do suicídio e além do original, que foi encontrado no quarto, existe outra cópia, que o próprio Presidente, na madrugada trágica, entregou ao Sr. João Goulart:

— Para tu leres, depois, Jango...

O documento foi rascunhado pelo Sr. Getúlio Vargas, quando êle percebeu que a situação se agravava, e batido a máquina por um servidor do Catete — cujo nome está sendo apurado, já que o Sr. Getúlio Vargas exigira absoluto sigilo do auxiliar da Presidência.

O Ministro Osvaldo Aranha viu o Presidente Vargas emendando, a mão, umas das cópias dessa carta. Vargas ia resistir. Levou o original da carta para a dramática reunião do Ministério, na madrugada do dia 23. Há quem credite que se o encontro houvesse decorrido como êle imaginava e queria, ao final êle teria lido a carta, convidando a acompanhá-lo os que quisessem. Nada disso, ocorreu, porém.

O Presidente Vargas foi levado à renúncia logo no começo da reunião, e dela se retirou para os seus aposentos. Através da palavra autorizada, de pessoas que assistiram a essa última reunião, vamos reproduzir o que aconteceu.

A crise originada no atentado da Rua Toneleros chegara virtualmente ao seu auge na manhã do domingo, dia 23, quando os Brigadeiros, em nota unânimemente assinada, pediram a renúncia do Sr. Getúlio Vargas. O Chefe da Nação, porém, rejeitou o que até então seria uma sugestão. Confiava, ainda, em que podia superar a crise — confiança essa que manteve até ser procurado, na noite do dia 23, pelo General Zenóbio da Costa e pelo Marechal Mascarenhas de Morais, os quais o puseram a par de que todos os Almirantes em serviço do Rio haviam assinado, naquela tarde, um documento de solidariedade à Aeronáutica. E mais — que numerosos Generais, entre os quais avultavam os nomes de Canrobert Pereira da Costa e Juarez Távora, tinham assinado o chamado "Manifesto dos Brigadeiros".

* * *

Antes, porém, o Ministro Zenóbio da Costa — que, obstinadamente, manteve a exigência, de ser encontrada uma fórmula que não ferisse a Constituição — conferenciara com os Generais Mendes de Morais e Olimpio Falconieri. Simultâneamente, o Marechal Mascarenhas de Morais entretinha demorada palestra com os chefes dos Estados Maiores da Aeronáutica, Exército e Marinha.

* * *

Terminadas essas duas reuniões, encontraram-se o Marechal Mascarenhas de Morais e o General Zenóbio da Costa. Sabia, então, a reportagem de "O Cruzeiro" que o General Mendes de Morais, tendo em vista os altos interêsses da Pátria — e interpretando o ponto de vista do Exército — apresentava ao Ministro Zenóbio da Costa uma fórmula para solucionar o impasse.

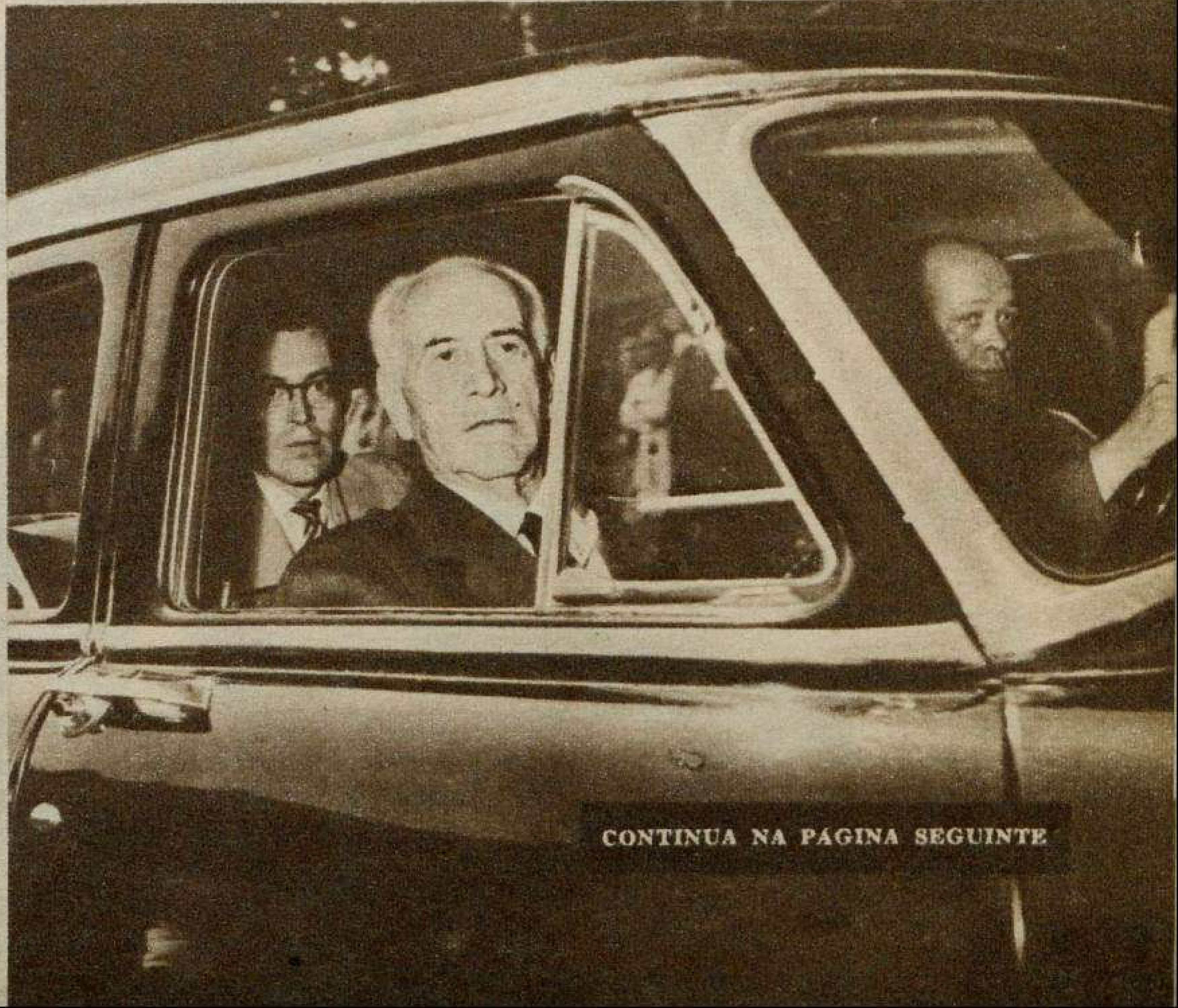
* * *

Discutia-se. A situação não podia continuar estacionada. Os Brigadeiros haviam avançado demais, e já não lhes era possível recuar, nem disso êles, ou mais chefes militares, cogitavam.

APÓS A DRAMÁTICA reunião no Catete, os Generais do Exército se encontraram no gabinete do titular da pasta para tomar conhecimento da decisão de licenciamento de Vargas.



O MINISTRO OSVALDO ARANHA deixa o Catete acabrunhado pela deliberação tomada, alguns minutos antes, na histórica reunião ministerial.



CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE



NO FIM DA REUNIÃO O DESTINO DE VARGAS ESTAVA SELADO

← O GENERAL MENDES DE MORAIS teve ação importante na crise política.

A fórmula era precisamente do licenciamento do Presidente, para apuração de todos os fatos ligados ao atentado da Rua Toneleros. Com ela estavam de acôrdo os chefes militares.

* * *

Depois de prolongada discussão, também o Ministro Zenóbio da Costa concordava, desde que tal fôsse igualmente aceito pelo presidente da República — cujos direitos constitucionais o titular da Guerra estava disposto a defender de qualquer maneira, se preciso com sacrifício da própria vida.

Foi assim nesse ambiente de tensão e expectativa que, pouco antes da meia-noite do dia 23, o Marechal Mascarenhas de Morais e o General Zenóbio da Costa foram ao Palácio, onde passaram a conferenciar com o General Caiado de Castro, chefe da Casa Militar da Presidência da República. A seguir, a conferência se estendeu ao Sr. Getúlio Vargas, o qual, minutos depois, convocava o seu Ministério.

* * *

Crescia a tensão nervosa, com a população a se comunicar com as redações dos jornais em busca de informações, já que a censura imposta às Rádios propiciava a frutificação dos mais desencontrados boatos. Um a um os Ministros foram chegando ao Palácio do Catete, e, à uma hora da madrugada do dia 24, realizou-se o histórico encontro, do qual o Sr. Getúlio Vargas não mais sairia como presidente da República.

* * *

Enquanto isso, o Sr. Cefé Filho, que já se dizia ter recebido comunicação do General Mendes de Morais sôbre êsses acontecimentos, permanecia em casa — a princípio sòzinho, mas a partir de 1.30 horas com dezenas de políticos, militares e simples amigos.

A êsse tempo, a Rua do Catete era interditada no seu trecho fronteiro ao Palácio do Govêrno; tropas da P. M. saíam à rua reforçadas, para garantir a ordem, e circulavam os primeiros rumores de que os tanques da Vila Militar estavam se deslocando para o centro da cidade.

Êsses rumores, felizmente, não se confirmaram. De concreto havia, isto sim, a dramática reunião do Catete. — Nas proximidades do Palácio se espalhavam dezenas de repórteres, fotógrafos, radialistas e cinegrafistas — além de muitos populares, apesar do adiantado da hora.

O Ministro Zenóbio da Costa disse claramente ao Sr. Getúlio Vargas que êle já não mais contava com a unanimidade do Exército. — Muitos dos Generais haviam assinado o "Manifesto dos Brigadeiros'', ao qual também já aderira a Marinha. Tal ocorreu no início da reunião do Ministério. O Presidente da República ouviu em silêncio as palavras do seu Ministro da Guerra — ouviu-o dizer que era exigido o seu afastamento, e que o Exército não o poderia manter no poder sem que eclodisse uma luta fratricida.

* * *

A seguir, alguns dos presentes disseram rápidas palavras, corroborando as afirmações do General Zenóbio. O chefe do Govêrno, porém, nada disse. Via que nada mais lhe restava fazer, nem ao menos resistir aos que pediam a sua renúncia. Por isso, retirou-se para os seus aposentos. A reunião prosseguiu sem a sua presença, e terminou com a redação da nota que de manhã alguns jornais matutinos publicavam anunciando o licenciamento do Presidente. Sabia-se, já, entretanto — e isso nas rodas palacianas — que o Sr. Getúlio Vargas não mais voltaria. O licenciamento era apenas um eufemismo. A referida nota foi lida pelo Sr. Getúlio Vargas antes de ser dada à publicidade — levou-a aos aposentos presidenciais a Sra. Alzira Vargas, a pedido do Ministério.

* * *

Horas depois, o Sr. Getúlio Vargas se suicidava. Ao deixar a reunião apresentava o cenho carregado, mas estava tranqüilo. Nada denunciava a sua decisão de praticar o suicídio. A última pessoa que com êle conversou foi o seu irmão Benjamin Vargas. Foi uma palestra de mais de uma hora, e dela nada transpirou.

Após a saída do Sr. Benjamin Vargas, entrou no quarto o Sr. Joaquim Barbosa, barbeiro do Presidente. Registrou-se, então, o seguinte diálogo:

— O que você está fazendo aí Barbosa?

— Nada, presidente Apenas arrumando umas coisas...

— Pois então vá embora, porque preciso descansar.

Antes de obedecer à ordem, Joaquim Barbosa ainda ponderou que o Presidente devia vestir o "robe de chambre'', pois estava ventando e êle podia se resfriar.

— Não tem importância.

O barbeiro saiu, e logo depois ouviu-se o tiro que roubava a vida ao Presidente.



CÊRCA DAS 5.15 h da manhã do dia 24, o Sr. Lourival Fontes, chefe da Casa Civil da Presidência, anuncia a decisão: licenciamento de Vargas. A essa hora, porém, já prevalecia a impressão de que o Presidente não voltaria.

CAFÉ, PRESIDENTE

Às 6 h da manhã Café Filho, depois de ter passado a noite em claro, sai para repousar um pouco em casa de um amigo. O povo na rua cumprimenta o novo Presidente. Às 8.40 h morria Vargas.



OS VERMELHOS COMANDAM A DESORDEM

Profissionais da confusão tentaram explorar e desvirtuar o justo sentimento do povo, insuflando-o a depredação e contra as Fôrças Armadas.

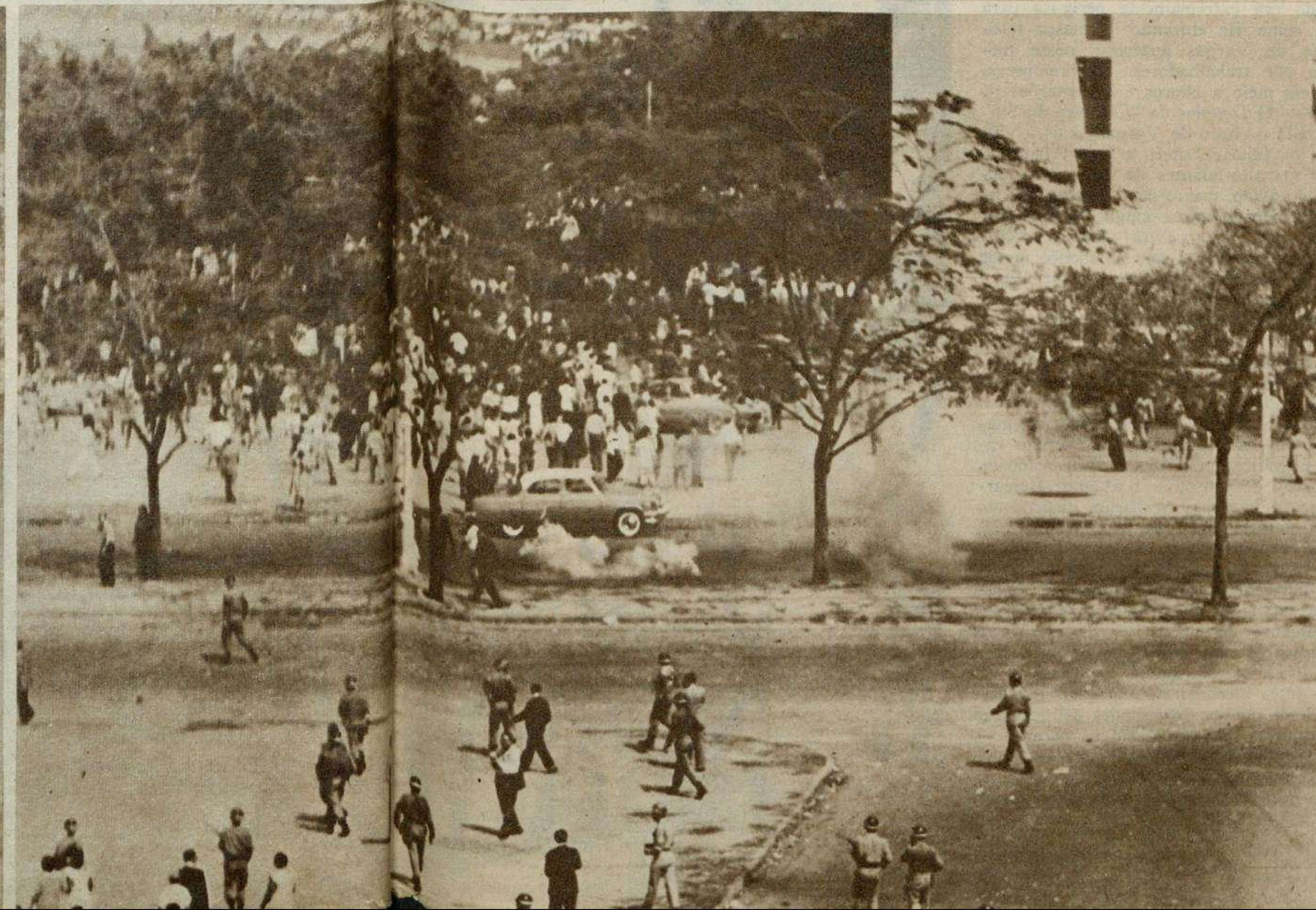
Texto de UBIRATAN DE LEMOS
Fotos de JORGE AUDI, INDALECIO WANDERLEY e ANTÔNIO RUDGE





CONHECIDOS AGITADORES comunistas, muitos dos quais vindos de São Paulo, tentaram insuflar por todos os meios a massa emocionada, lançando-a contra as fôrças do Exército, Aeronáutica e Marinha. Estas, que tinham ordens de evitar violências e derramamento de sangue, viram-se obrigadas a dar tiros de festim para o alto e lançar granadas de efeito moral, como acima se vê, em cenas próximas ao aeroporto, logo após o embarque do corpo do Presidente Vargas.





NOS primeiros momentos, o povo carioca não acreditou na notícia: o suicídio do Presidente Vargas aparecia como um pesadelo. Mas as emissoras continuaram a martelar a tragédia e em pouco tempo tôda a cidade evolveu para a etapa da ação e do desespêro. Milhares de pessoas acumularam-se em frente ao Catete. Mas já não eram apenas lágrimas, porque rebentavam do povo gritos, protestos, ameaças, acusações, derivando da natural revolta impossível de recalcar.

* * *

Mas o justo sentimento da população carioca foi coincidente com grupos interessados na desordem, no saque, no desabamento das instituições democráticas. Elementos nìtidamente comunistas (alguns fichados na Polícia), alheios à dor profunda por que passava a Nação, promulgaram o instituto do "quebra-quebra", que o Presidente Vargas condenara pela ação e pelo exemplo. Foi assim que a baderna começou encampando o Largo da Carioca, para depois ampliar-se por tôda a capital federal. Naquele logradouro tradicional foram arrancados e rasgados cartazes de propaganda eleitoral da UDN e de candidatos da Oposição, em geral, que serviram para alimentar uma fogueira acesa pelos manifestantes. Foi então que alguém gritou: "Vamos a *O Globo*". Mas estavam cerradas as portas do vespertino de Roberto Marinho. Isso não impediu que as duas camionetas da reportagem, estacionadas no meio-fio, fôssem emborcadas e queimadas pelos grupos exaltados. As labaredas altas ameaçaram o edifício do vespertino citado e não fôsse a chegada providencial dos Bombeiros o quarteirão poderia arder. Os soldados do fogo tiveram mesmo de lutar com os agitadores, que tentaram impedi-los de entrar em ação. Quase ao mesmo tempo, na Avenida Presidente Vargas, magotes isolados escalavam a fachada dos edifícios e despregavam as tabuletas, algumas delas de candidatos getulistas, o que evidenciava o propósito apenas de tumultuar a cidade. Muitas bancas de jornais foram depredadas, sendo queimadas as fôlhas. Na impossibilidade de penetrar no edifício onde funciona o jornal *O Mundo*, os manifestantes destruíram dois jipes que servem aos repórteres daquele vespertino. A Rádio Globo, por cujo microfone o Jornalista Carlos Lacerda fizera "a campanha contra o golpe e contra a corrução", foi apedrejada. Na ocasião, um popular foi ferido e recolhido ao Hospital do Pronto Socorro. Uma observação não escapou às pessoas que assistiram a estas cenas de vandalismo: havia policiais nos locais depredados. Mas nenhum dêles procurou impedir o "quebra-quebra".

* * *

As depredações recrudesceram na tarde do dia 24 de agôsto. O jornal *Tribuna de Imprensa* (direção e orientação do Jornalista Carlos Lacerda) foi desde logo visado pelos populares enfurecidos. A porta que dá acesso às oficinas foi forçada mas não cedeu. A presença de um choque da Polícia Especial e de um carro da Radiopatrulha, evitou que se consumasse o empastelamento do vespertino. O Comissário Deraldo Padilha, auxiliado por soldados da Polícia Especial, içou uma bandeira nacional, a meio pau, no mastro da *Tribuna de Imprensa*, em sinal de luto pela morte do Presidente Vargas. Foi a primeira vez que elementos da PE e o próprio Comissário Padilha receberam os aplausos de uma multidão, em cujo seio militantes comunistas pregavam, abertamente, a subversão da ordem pública. Se o comércio lojista e de secos e molhados não cerrasse as portas, as conseqüências seriam imprevisíveis. Ainda assim muitas vitrinas foram quebradas, principalmente as de estabelecimentos estrangeiros. A Cinelândia transformou-se em ringue de "vale-tudo". À noite, carros do PTB irradiavam, naquele logradouro, a carta legada pelo Presidente ao povo brasileiro. A ocasião fêz-se oportuna para os comunistas. Um dêles berrou: "Morra o imperialismo americano". E arrastou o povo para o magnífico edifício onde funciona a Embaixada Americana, nas vizinhanças da Cinelândia. Naquela oportunidade, entretanto, o provocador não teve êxito: as metralhadoras intimidaram os manifestantes. Os comunistas voltariam novamente à Embaixada, conforme verão os leitores mais adiante.

* * *

Já no dia posterior à morte trágica do Sr. Getúlio Vargas (25 de agôsto), as autoridades da Divisão de Ordem Política chegaram a uma conclusão: a subversão da ordem atendia a um plano esquerdista. Estavam no Rio de Janeiro comunistas embarcados em Pôrto Alegre, São Paulo, Estado do Rio e Minas, cuja missão era a de comandar a massa exaltada e generalizar a desordem, criar uma guerra civil e instalar (se as coisas dessem certo) uma ditadura revolucionária no estilo soviético. Temos informações de que o líder vermelho Luís Carlos Prestes estaria mesmo nas vizinhanças do Rio de Janeiro, e apareceria no dia "D", caso vingasse o plano de Moscou. O clima propício à desordem seria agravado com a deflagração da greve ge-

CONTINUA NA PAGINA SEGUINTE



NOVOS DESMAIOS sucederam-se, em meio às agitações provocadas pelos elementos comunistas dispersos na massa, que insultavam de maneira solerte as Fôrças Armadas.



SOLDADOS improvisam uma "cadeira" para um ferido. Os bolchevistas aproveitaram-se do sentimento popular, pretendendo desviá-lo e implantar a anarquia.



OUTRO FERIDO. Os manifestantes pretendiam sòmente acompanhar o esquife do Presidente Vargas, tràgicamente morto. E os comunistas fizeram confusão.



GRANADAS foram lançadas no meio do povo agitado, mas sòmente as de efeito moral, que todavia causaram lesões ligeiras em alguns populares. Parte da multidão se dispersou.



O POVO CHORAVA A MORTE DO PRESIDENTE E OS COMUNISTAS TENTARAM ORGANIZAR A BADERNA.

← AVANÇA a Polícia do Exército. Evitou a todo custo usar de violência.

ral de trabalhadores, programada para o dia 2 de setembro. Tomando conhecimento do esquema vermelho, as autoridades detiveram, preventivamente, vários líderes sindicais reconhecidos comunistas e muitos outros de pouca nomeada. Ao mesmo tempo, o Govêrno que se mostrara tolerante, "para que o povo se manifestasse livremente nas ruas", usou de mais cautela: 12 mil soldados do Exército, bem armados e municiados, foram distribuídos nos pontos estratégicos da cidade.

* * *

Tanques, carros de assalto aparelhados com metralhas de grosso calibre — todo um aparato bélico de 500 soldados do Exército — não causaram mêdo aos comunistas que tentaram, pela segunda vez, no espaço de 24 horas, lançar o povo exaltado contra a Embaixada dos Estados Unidos. O Capitão Tristão Pereira, a cujo comando fôra confiado a guarda da Embaixada, pediu insistentemente aos grupos exaltados que se afastassem. Como resposta vinham vaias, palavrões ou pedradas. Chegou a um ponto em que, ou os soldados reagiam, ou a Embaixada seria depredada. Nesse transe o Capitão cumpriu o dever, mas ainda assim o fêz moderadamente. Ouviu-se o matraquear de uma metralhadora. A multidão espalhou-se. Sumiram os líderes comunistas que iam à frente da turba. Duas pessoas ficaram feridas: José Elói dos Santos, 17 anos, comerciário, ferimento na região costo-ilíaca, e Valmir Dias da Rocha, industriário. Outros manifestantes receberam sabradas, mas recusaram os curativos do Hospital do Pronto Socorro. Observou-se um detalhe que vem caracterizar, mais ainda, o dedo de Moscou na direção do "quebra-quebra": a preferência de emprêsas estrangeiras para depredação. Exemplo: estêve na mira dos agitadores profissionais vários departamentos da Standard Oil. A Zona Norte do Rio de Janeiro foi tumultuada com freqüência. Bandos armados de barras de ferro e de pau intranqüilizaram vários subúrbios da Leopoldina. Em Cascadura houve desordens e agitadores tentaram depredar o Hospital Getúlio Vargas, na Penha.

* * *

Mas não tenham dúvidas; o ponto mais alto das escaramuças foi o chôque de manifestantes com fôrças da Marinha, Exército e Aeronáutica, no Calabouço, por ocasião do embarque do corpo do Presidente Vargas. Desde cedo populares espremiam-se na vasta área fronteira ao Calabouço. Havia, ali, os getulistas sinceros, que choravam a morte do Presidente. Mas, entre êstes, ocultavam-se os comunistas, como o Deputado Roberto Morena e o famoso agitador Lício Hauer, cuja ficha é uma das mais volumosas, na Divisão de Ordem Política. Êste último, trepado no toldo de uma camioneta da Rádio Continental proferia discursos subversivos insuflando o povo à desordem e à depredação. Jogavam sapatos de mulher, tamancos (e pedras, muita vez) nos soldados que mantinham o fio de isolamento, que separava a multidão da Base Aérea. O Brigadeiro Eduardo Gomes rompeu sòzinho a multidão e entrou no Calabouço, quando era extremamente perigoso para um antigetulista como êle enfrentar a massa insuflada. O esquife de Vargas apareceu, nesse momento, carregado por trabalhadores. Prorromperam vivas a Vargas, em meio a choros e lamentações de homens e mulheres. O *Douglas* da "Cruzeiro do Sul" fêz-se ao ar, levando o corpo de Vargas, mais a viúva, Dona Darcy, os filhos: Lutero e Sra. Alzira do Amaral Peixoto. Os alto-falantes do Exército anunciaram a partida do avião, mas o povo permaneceu no mesmo lugar. Sucediam-se vaias, xingações e as primeiras pedras foram jogadas contra soldados e Oficiais. Um edifício fronteiriço ao Calabouço, onde funciona uma repartição federal, começou a ser depredado. Como as fôrças militares ali presentes tinham ordem de não derramar sangue, atiraram mais ou menos 70 granadas de efeito moral sôbre a multidão, a fim de assustá-la e dissolvê-la. O objetivo foi conseguido, em parte, mas os agitadores infiltrados na massa (ao todo uns 200) não arredaram o pé; sabiam que aquelas bombas produzem barulho e fumaça, mas não matam. Pelotões da Marinha e do Exército calaram baionetas e avançaram contra os provocadores, sem intenção, porém, de consumar o ataque. Descargas de festins (metralhadoras) acabaram dispersando os últimos manifestantes. Mas um tiro (calibre 32), provàvelmente de revólver, matou um homem: Valdir Rangel. Apurou-se que a bala partiu da multidão, porque soldados e oficiais usam armas calibre 45. Consta do balanço das arruaças, além do que acima referimos, empastelamento de cinemas e de escritórios eleitorais, e a morte de um homem, em frente à Câmara dos Vereadores, na Cinelândia, no mesmo local onde os manifestantes incendiaram um carro da Radiopatrulha. E desde que as tempestades políticas não diferem muito daquelas que enfurecem os oceanos — massas de água sem govêrno — essa também teve a sua calmaria. Queira Deus que a tranqüilidade outra vez se instale no seio do povo e de seus governantes.



LANÇAMENTO DA BOMBA DE PÂNICO

Insuflando a massa, os comunistas pretendiam fazer com que a violência fôsse usada e houvesse baderna em tôda a cidade. Objetivo que fracassou.

O PRESIDENTE JORNALISTA

THEOPHILO DE ANDRADE

O EMBAIXADOR Ramon Carcano tinha um episódio a contar, ligado ao golpe de estado de 10 de novembro de 1937, em conseqüência do qual foi o Brasil alinhado entre as nações fascistas da terra. Getúlio Vargas, então Presidente constitucional do País, eleito pela Constituinte de 1934, havia sido convidado a jantar na Embaixada Argentina, a 12 daquele mês. Dado o golpe, com a dissolução do Congresso e outorga da chamada nova Carta Constitucional, o Embaixador ficou a pensar que o Presidente não poderia, fàcilmente, cumprir o compromisso. Telefonou-lhe, então, para deixá-lo à vontade, pela transferência, para data oportuna, do ágape combinado. O Presidente, porém, comunicou-lhe que o País estava em calma, a ordem reinava em todo o território nacional, e que o jantar poderia realizar-se, conforme programado. A esta altura, porém, o Embaixador Carcano comunicou ao Presidente outro motivo a atrapalhar o jantar: é que estavam exilado, na Embaixada — e êle estava a fazer a necessária comunicação ao Itamarati — dois ex-deputados. E êsses deputados eram, exatamente, Abguar Bastos, do Pará, e João Café Filho, do Rio Grande do Norte. Ao que o Presidente respondeu, de bom humor, que coisa alguma havia contra êles e que poderiam ir para casa, que nada lhes aconteceria. Mas os exilados não quiseram confiar na palavra de um governante que acabava de rasgar uma constituição. Ficaram na Embaixada. Assistiram, por detrás da porta — pois estavam em sala contígua — ao jantar do ditador. E, depois de receberem os necessários passaportes, embarcaram para o exílio.

Café Filho foi parar na Argentina, onde iniciou a luta contra o Estado-Novo. Ali, ainda não reinava o totalitarismo peronista. Pelo contrário, o país se encontrava sob um regime liberal, qual foi o do Presidente Ortiz. Mas os usos internacionais disciplinam a atuação política dos exilados. E o emigrado brasileiro foi confinado na cidade de Cordoba, aliás, de clima aprazível, por estar na fralda da cordilheira.

Para um lutador de sua têmpera, aquilo significava pouco. Café Filho já tivera experiências mais custosas, em sua própria pátria. Um jornal de sua propriedade já fôra empastelado, em Natal, capital do seu Estado. E quando Chefe de Polícia, depois da revolução de 1930, fôra vítima de um atentado à bala. O exílio era duro, como são duros todos os exílios, pela saudade da pátria. Mas a roda da fortuna correu. E um dia Café Filho foi eleito Vice-Presidente da República, ao lado de Getúlio Vargas — o deposto de 1945, e que, em 1951, retornava, vitorioso, ao poder. Vitorioso voltava também Café Filho, o exilado de 1937. E com o suicídio, a 24 de agôsto, do Presidente, chega Café Filho às culminâncias do poder, para terminar um mandato presidencial, em circunstâncias políticas e econômicas assaz difíceis.

Antes dêle, houve sòmente um homem que chegou à suprema curul da nação em situação semelhante: Nilo Peçanha, que terminou o período do Presidente Afonso Pena. Aliás, sòmente Afonso Pena e Getúlio Vargas morreram no govêrno, desde que o Brasil existe como nação independente. O primeiro e o segundo imperadores faleceram no exílio. Deodoro da Fonseca, o primeiro Presidente, renunciou antes de terminar o mandato. E todos os outros Presidentes da chamada República Velha terminaram os seus períodos de govêrno, exceção do Sr. Washington Luiz que foi deposto no fim do mandato, a 24 de outubro de 1930, pela revolução chefiada exatamente por Getúlio Vargas.

Seja lembrado que Café Filho, dois dias antes do suicídio do Presidente, tentou, com grande desprendimento e patriotismo, resolver a crise em que o País fôra precipitado com o atentado contra Carlos Lacerda, propondo a Getúlio Vargas uma dupla renúncia. Êle nada tinha a ver com a guarda pesseal do Presidente, mas queria facilitar-lhe o passo, ajudando-o na queda. Getúlio Vargas, porém, ainda estava na ilusão de que poderia não sòmente resistir, como manter-se no Catete, "a qualquer preço", segundo se dizia na nota divulgada pelo General Caiado de Castro. Os fados, porém, haviam resolvido de outra maneira.

Café Filho galgou os degraus da política através do jornalismo, que exerceu, como um apostolado, durante quarenta anos. Nascido, em Natal, a 3 de fevereiro de 1899, tinha, portanto, apenas 20 anos de idade, quando, em 1919, fundou o seu primeiro jornal — "A Gazeta". Apresentava o formato dos jornais políticos do Império: pequenino, agressivo e brilhante. O seu segundo jornal, também publicado em Natal, foi o "Jornal do Norte", em que fêz a campanha da Reação Republicana, defendendo, nas eleições de 1922, a chapa Nilo Peçanha — J. J. Seabra. Enquadrado no "tenentismo", acompanhou os rapazes que se levantaram no "Forte de Copacabana" em 1922, e, depois, os que, sob o comando do General Isidoro Dias Lopes, se levantaram, em 1924, em São Paulo.

Cedo, a vida se lhe tornou insuportável, em sua terra, perseguido que era pela oligarquia local. Teve de emigrar, indo para Pernambuco, onde conseguiu um emprêgo na Prefeitura de Bezerros. Breve, a sua vocação de jornalista o faria editar um semanário — "A Gazeta de Bezerros". Em 1928, vamos encontrá-lo em Recife, dirigindo um diário de oposição — "A Noite".

Como sempre se interessou pelas questões sociais, foi acusado de anarquista e teve que seguir para o Rio, onde passou a trabalhar em "A Manhã", com Agripino Nazareth.

No preparo da revolução de 1930, pôs-se em contato com os conspiradores. Quando o movimento foi deflagrado, entrou em Natal com o primeiro grupo de revolucionários, indo ali esperar o General Juarez Távora. Vitoriosa a revolução, foi, por duas vêzes, Chefe de Polícia, ocasião em que foi vítima do atentado a que acima nos referimos.

Em 1934, tomou parte, com muito brilho, nos trabalhos da Constituinte e na legislatura que se lhe seguiu, até 10 de novembro de 1937, quando o Presidente Getúlio Vargas fechou o Congresso e êle teve de homiziar-se na Embaixada da Argentina.

Café Filho é um jornalista, na mais ampla acepção da palavra, jornalista de combate, e já chegou mesmo a cumprir, na prisão, de Natal, uma pena de condenação de 70 dias.

No seu primeiro contato com a imprensa, depois que assumiu o govêrno, declarou aos rapazes da reportagem que, no Catete, continuaria a ser um jornalista.

Em todo o curso de nossa História, é o primeiro profissional de imprensa a governar o Brasil.



REUNINDO jornalistas no Palácio das Laranjeiras, pouco depois de sua posse, o Presidente Café Filho declarou: "Eu sou, na Presidência da República, um jornalista". Êle é, de fato, o primeiro jornalista a chegar ao pôsto de Presidente do Brasil.



APESAR de momentos dramáticos em que viveu, no dia de sua investidura na Presidência da República, Café Filho achou tempo para se encontrar com os jornalistas. No foto, o Presidente Café Filho em companhia de João Athayde e Accioly Netto.



CAFE BEBE CAFE. Momentos de intensa emoção viveu Café Filho nas 48 horas dramáticas de segunda e têrça-feira, que culminaram com sua investidura na Presidência da República depois do licenciamento e suicídio do Presidente Getúlio Vargas. O café forte foi um dos sustentáculos dessa árdua vigília.